

AU4 129

SEMINÁRIOS 2 e 3

*DEPOIMENTO DE UMA GERAÇÃO

158-163	Max Bill	} Sem. 2
163-166	Bruno Zevi	
166-169	Ernesto N. Rogers	} Sem. 3
184-188	Osar Niemeyer	
238-240	Osar Niemeyer	



organizado por
Alberto Xavier

**DEPOIMENTO
DE UMA
GERAÇÃO**

arquitectura
moderna
brasileira

981

GERAÇÃO

mente lá, nas Minas Gerais, que elas se fizeram com maior graça e invenção. No mundo mecanizado de hoje é desejável que tais diferenças venham à tona a fim de neutralizar um pouco a generalizada uniformização.

A arquitetura brasileira, tal como o nosso futebol, anda muito necessitada de ducha fria de quando em quando, mas lamentavelmente, por culpa exclusiva do crítico, a oportunidade se perdeu.

[Resposta às críticas de Max Bill feitas em entrevista à revista *Marchez!*, n. 60, 13. jun. 1953. Ver também pp. 158-163 da presente edição.]

1 Intervenção de Lucio Costa no I Congresso Internacional de Artistas, patrocinado pela UNESCO e realizado em setembro de 1952. In Costa, Lucio. *Lucio Costa. Registro de uma vivência*, op. cit., pp. 268-275. [N.º.]

131 OSCAR NIEMEYER

O problema social na arquitetura

Estranha insatisfação apossou-se ultimamente de alguns de nossos arquitetos, que, embora cientes do inegável prestígio que a moderna arquitetura brasileira desfruta, passaram de um momento para outro a apresentar-lhe sérias reservas. Em dois grupos principais, eles se destacam: o primeiro grupo é constituído por aqueles que, impressionados com as teorias tradicionalistas, almejam uma "arquitetura baseada na tradição e cultura de nosso povo"¹ e o segundo, pelos que se mostram alarmados com o baixo nível de nossas construções modernas e reclamam soluções mais simples e racionais. Ambos respeitamos: ao primeiro, porque é honesto e deseja realmente a solução que lhe parece mais justa; ao segundo, porque oferece razões ponderáveis, apesar de relegar a plano secundário problemas muito mais graves e urgentes da nossa arquitetura.

Deixando aqui este conflito de opiniões, segui para a Europa, onde mantive, durante todo o tempo da minha viagem, a preocupação de tomar contato com colegas estrangeiros para com eles debater os problemas profissionais que nos são comuns. De minha parte, não levava ilusões a respeito das críticas da maioria dos arquitetos que nos têm visitado nos últimos anos — críticas para as quais nem sempre encontramos justificativas, e que um balanço honesto do que já se realizou na Europa e no Brasil no campo da arquitetura moderna não poderia permitir com tanta desenvoltura. Gostaríamos, todavia, de encontrar atenuantes para tudo isso: talvez a falta de conhecimento das nossas efetivas condições de trabalho, tão diversas das que são costumeiras em seus países de origem, onde organizações sociais mais desenvolvidas, com in-

dústrias poderosas, exigem deles soluções mais simples, pelo emprego de materiais pré-fabricados e sistemas de padronização.

Mas, a verdade é que esses argumentos conciliadores esbarriariam na duplicidade da crítica que eles habitualmente exercem, uma vez que não os utilizam da mesma forma — severa e minuciosa — na apreciação dos seus próprios projetos. Não desejando dar ao assunto importância descabida, quero me limitar a aproveitá-lo naquilo que ele apresenta de honesto e positivo, fazendo ao mesmo tempo uma crítica do trabalho aqui realizado nestes últimos vinte anos de arquitetura moderna, para caracterizar suas debilidades e inevitáveis erros.

A nossa arquitetura moderna tem certamente na falta de conteúdo humano a principal razão das suas deficiências, refletindo — como não poderia deixar de fazê-lo — o regime de contradições sociais em que vivemos e no qual ela se desenvolveu. Ivesse surgido em país socialmente organizado e evoluído, onde pudesse atingir seu verdadeiro objetivo — que é servir a coletividade —, e, aí, então, encontraria, na grandezça dos planos coletivos e na indústria poderosa que os apoiasse, o sentido humano e a unidade arquitetônica de que hoje carece. Dirigida a classes dominantes pouco interessadas em problemas de economia arquitetural — pois o que desejam realmente é ostentar riqueza e luxo — ou a iniciais governamentais que não se baseiam em plano de caráter nacional ou de construções em massa, ela tem encontrado, como base ambiental restrito, exercemos durante vinte anos a nossa profissão, limitada em geral a casas burguesas, construções para o governo, edifícios de renda e alguns conjuntos residenciais. Obras que — muitas vezes apreciáveis sob o ponto de vista arquitetônico — refletem invariavelmente o desequilíbrio social do país, constituindo, não raro, verdadeiro acinte a esta maioria esmagadora que, privada dos mais elementares recursos, vive ainda nos miseráveis barracos que todos nós conhecemos. Da falta de uma base social efetiva, e de grandes planos coletivos que a complementaríamos, decorrem, portanto, a versatilidade da nossa arquitetura, a despreocupação de economia e a variedade e riqueza de formas com que se apresenta, e que a ausência de uma indústria poderosa, com sistemas de pré-fabricação, ainda mais vem acenentar. Assim, o que nela para alguns é falso e acessório, para nós é imposição do meio que fielmente exprime.

Por essas razões, recusamo-nos a apelar para uma arquitetura mais rígida e fria — de tendência européia — bem como nos recusamos a apelar para uma "arquitetura social", dentro do ambiente em que vivemos. Com isso, conseguiríamos apenas empobrecer a nossa arquitetura no que ela tem de rovo e criador, ou apresentá-la de forma enganadora, artificial e demagógica. Preferimos manter as características naturais e espontâneas que lhe permitiram especular inteligentemente com os sistemas construtivos em uso, garantindo-

lhe aspecto próprio e definido, responsável exclusivo pelo prestígio que desfruta no mundo contemporâneo.

Para isso contribuíram certas circunstâncias especiais, sendo de salientar, entre elas, a intervenção oportuna e benfazeja de Lucio Costa — a figura do nosso movimento moderno —, que soube conduzi-lo com sensibilidade e discernimento, batendo-se desde o início por uma arquitetura que aliasse as circunstâncias funcionais a procura deliberada e constante da beleza e da forma plástica. Contribuiu também — como vimos — o fato de não termos, ao contrário do que acontece em outros países mais adiantados, grandes planos populares a projetar, dos quais decorrem soluções lógicas de urgência e economia, que disciplinam e simplificam a forma plástica; bem assim a posição que sempre assumimos com relação à tradição — que recusamos copiar —, limitando-nos a manter os mesmos propósitos de honestidade construtiva que sempre caracterizaram a nossa arquitetura colonial.

Posição que, hoje mais do que nunca, nos parece justa, pela impossibilidade — que a tentativa feita em alguns países europeus comprova — de se harmonizar as formas tradicionais com os temas e, principalmente, com as possibilidades ilimitadas da técnica contemporânea, impedindo — o que é mais grave — as soluções novas e criadoras que a técnica e os materiais modernos sugerem. Este, o impasse que até hoje encontram aqueles que acreditam na "síntese da tradição com a arte e a técnica contemporânea", esquecendo o obstáculo insuperável que o advento do concreto armado estabeleceu, alterando os termos e o significado dos elementos mais característicos da arquitetura, dando às paredes, por exemplo — antes elementos de apoio —, outra finalidade, qual seja a de simples material de vedação e carga morta nas modernas estruturas.

E tudo isso contribuiu para que, em pouco tempo, nos afastássemos das soluções repetidas, frias e geométricas da época, dando à nossa arquitetura um novo sentido plástico — que nos bons exemplos se apresenta lógico e harmônico —, exprimindo a função e o pleno aproveitamento da técnica atual. É verdade, e isso começa a inquietar, que a grande maioria das nossas construções apresenta um baixo nível arquitetônico, atingindo mesmo aspectos grotescos, e até ridículos, pelo emprego inadequado de certos materiais e pelo abuso de formas muitas vezes extravagantes e impróprias. Este fato, apesar de grave, é fácil de ser explicado; realmente, o sucesso da arquitetura moderna no Brasil foi de tal ordem que logo tornou-se ela a nossa arquitetura corrente e popular. Todos, particulares e governo, desejavam obras modernas, tendo em vista o realce que as mesmas conseguiam, aqui e no estrangeiro.

E natural e compreensível que essa massa enorme de construções, estendendo-se por todo o país, não poderia manter o mesmo nível técnico, principalmente considerando-se o sucesso que as boas obras alcançaram e o seu sen-

tido novo e criador, que todos — pudessem ou não — desejavam acompanhar. Dessa maneira se compreendem a variedade e a repetição de certas formas, que, alteradas em escala e proporção, se desvirtuaram completamente, o mesmo acontecendo com alguns projetos de formas aprimoradas, destinados a locais amplos, e que, transportados depois para outros lugares — entre prédios e sem os espaços livres necessários —, transformaram-se em construções lamentáveis, pelo desequilíbrio e confusão que trazem ao conjunto urbano.

Tudo isso, porém, é uma espécie de "moléstia de crescimento", que devemos olhar sem surpresa, compreensivelmente, procurando por meio de uma perthaz campanha didática combater e eliminar.

O mais grave, contudo — porque se apresenta quase sempre sob aspecto irremediável —, é o estado lastimável das nossas cidades, entregues ao descaço dos poderes públicos e à ação nociva do comércio imobiliário, que as esmagam com incriveis muralhas de arranha-céus, escondendo seus mortos, ocupando suas praias, tirando-lhes o sol, a brisa, as árvores, elementos essenciais com que a natureza tão generosamente as dotou. Isso se repete com uma frequência assustadora, apesar das experiências lamentáveis que já possuímos, como, por exemplo, Copacabana, hoje reduzida a um triste e humilhado bairro, sem água e transportes, e entregue ao mais desenfreado surto de exploração imobiliária.

Contra esses desastros, especialmente, devemos insurgir-nos, apelando para planos diretores responsáveis, lógicos e pertinentes, que tenham como principal característica o aproveitamento das belezas naturais de nossas cidades, exigindo paralelamente medidas realistas que, consultando as condições sociais existentes — em que os interesses individuais são tão fortes —, permitam ao menos reduzir os males incorrigíveis dentro da uma legislação objetiva e eficaz.

Este o ambiente em que se realiza a arquitetura e que pouco difere dos demais países ainda dominados pelo capital, tirando-lhe as características superiores de que se devia revestir para dar-lhe um sentido discriminatório e superficial, em que somente o aspecto plástico subsiste.

Dentro dele, observamos passivamente a destruição progressista das nossas cidades e as tristes desigualdades que nelas a vida apresenta, limitados que estamos a uma arquitetura de classe, onde falta a base social necessária, decorrendo daí todas as suas deficiências principais.

Na arquitetura soviética — que tomamos como exemplo de contraste —, o que justamente interessa e emociona é o seu caráter humano, que, pela primeira vez na história, permitiu ao arquiteto desempenhar o papel que verdadeiramente lhe cabe na sociedade, libertando-o das tarefas individualistas em que até então se maninha para garantir-lhe a colaboração desejada na solução dos problemas coletivos. Desse modo, enquanto nos demais países ele

atende quase que exclusivamente a solicitações de uma minoria das classes dominantes, na União Soviética, ao contrário, seu trabalho se dirige aos grandes planos de urbanismo, que visam à felicidade e ao bem-estar comuns. E, em suas tarefas, não mais encontram os obstáculos que entre nós persistem — obstáculos intimamente ligados aos problemas sociais que nossos colegas reprimam em desconhecer e dos quais resulta o fracasso dos nossos projetos urbanísticos, que ficam invariavelmente no papel ou, às vezes, se destinam a congressos de arquitetura mais ou menos acadêmicos e inécuos.

Esse o exemplo humano e inovador que nos cabe seguir, afastando-nos da posição de alheamento aos problemas políticos e populares em que realmente ficamos, colocando-nos enfim, decididamente, ao lado daqueles que pelo menos lutam e sofrem. E se, em cada país, em cada lugar, esta luta apresentar aspectos peculiares, seu denominador comum está no anseio de liberdade que encontramos em todos os povos oprimidos e nos reclamamos universais de paz e justiça.

1 Ver pp. 197-201 da presente edição.

(2) LINA EOBARD.

Na América do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?

Com a desenvoltura de quem é rico, bonito e bem-educado, o sr. Ray Smith, *associé-éditor* da importante revista de arquitetura norte-americana *Progressive Architecture*, apresenta um panorama da arquitetura na América do Sul.¹

Entrevisita alguns arquitetos de renome e outros mais jovens, faz um balanço e, tirando as conclusões depois da descoberta de uma “Nova Onda” — que deveria ser a superação da temática lecorbusieriana —, aconselha paternalisticamente os arquitetos sul-americanos a não copiar a arquitetura “internacional industrializada” dos países desenvolvidos. Sugere, ao contrário, que estes se inspirem nas obras dos índios, nos “ranchitos” e nas “favelas” dos pobres, como convém a arquitetos subdesenvolvidos que operam num continente também subdesenvolvido.

Superando a “desorganização”, a falta de preparo técnico e as veleidades “sociológicas”, os jovens arquitetos latino-americanos, colocados firmemente dentro de sua própria geração, poderão tomar consciência do verdadeiro problema da arquitetura atual, isto é, “como prover vastas quantidades de abrigos baratos, em termos de uma forma artística semelhante à joalheria”. Essa nova direção levará os dois continentes, as Américas do Norte e do Sul, a um entendimento arquitetônico mais íntimo.

Baseado num equívoco (não queríamos pensar em má-fé), o autor do inquerito, com disfarçado desprezo pelas posições “plástico-formalistas” lecorbusianas, sumariamente liquidadas, expõe explicitamente a convicção de que a verdadeira arquitetura é a norte-americana, baseada na produção industrial de massa, à qual os jovens arquitetos latino-americanos “ajuda” não podem ter acesso, por causa do subdesenvolvimento do país e deles mesmos.

O transplantado norte-americano que esvoaçou Gropius e Mies van der Rohe, acabou com a inventiva de Grosz e a violência de Kurt Weil — que se tornou compositor de adocicadas melodias de filmes —, deu a Brecht e Adorno a convicção de que os *mass média* são instrumentos formidáveis nas mãos do capitalismo monopolístico. Segundo estes pensadores, para o “mecanismo” ser aproveitado numa sociedade mais justa e humana, é rigorosamente necessário basear-se em valores humanísticos, justamente aqueles de onde nasce a arquitetura “plástica” de Le Corbusier, que não é plástica, mas que hoje é cômodo definir assim, esquecendo-se deliberadamente todos os valores revolucionários político-sociais daquele movimento que foi o racionalismo.

A poética racionalista não está esgotada, seu conteúdo revolucionário e político foi, de propósito, superado por aquilo que será historicamente classificado como retorno às posições que o mesmo racionalismo tinha superado com suas afirmações de honestidade construtiva e de igualdade social.

Deixando de lado o grande Frank Lloyd Wright — que pertence ao movimento anglo-saxão do século XIX —, de Ruskin a Morris, com o impacto ainda politicamente indefinido dos pioneiros camuados por Whitman, e de Antônio Gaudí, tão espanhol, ou melhor, tão catalão, de não poder ter sérios seguidores internacionais, a nova arquitetura “orgânica” da segunda metade do século XX, assim como os “brutalismos”, as “ações”, os “espontaneísmos” e todos os movimentos denominados como reações às caixas de sapatos da arquitetura racionalista, precisam hoje ser definidos por aquilo que representam: movimentos que, acompanhando o processo de revisão cultural de toda uma parte da cultura ocidental, definem como progresso situações precedentes, superadas e levadas novamente à cena revestidas de novos significados para defender velhas posições.

As *mass média* aceitas como um acontecimento da natureza, ao invés de serem analisadas nas suas razões histórico-sociais, precisa ser acrescentada a Arquitetura de Massa, expressão da “indústria da construção”, que também não pode ser estudada criticamente por meio do historicismo idealístico, ou da crítica formal ou da linguística, sem que se considere sua verdadeira base determinante: a dimensão histórico-social.

Isto não quer dizer recusar o *computer* e valorizar a era mecânica contra a era eletrônica, mas apenas colocar o *computer* na verdadeira perspectiva histórica, considerando-o apenas como o meio para realizar a nova cultura